

ENSINO INTERCULTURAL DE INGLÊS COMO PRÁTICA DE RECONHECIMENTO E RESPEITO ÀS DIFERENÇAS¹

Leticia Vieira de Melo Correio/UFG-Jataí/letts48@yahoo.com.br

Resumo Nós somos seres culturais e interculturais e construímos nossa cultura individual e coletiva à partir das interações que vivenciamos ao longo de nossa vida. Nosso meio de interação mais poderoso são as línguas. É por meio delas que nos comunicamos e que chegam até nós discursos impregnados de cultura (valores, ideologias, costumes). Também é por meio das línguas que interagimos com sujeitos das mais diversas redes sociais e grupos culturais. E a sala de aula de inglês é um lugar de constantes encontros interculturais: pessoas de origem diferentes estudando uma língua também de origem diferente. Por isso, se faz necessário discussões sobre cultura na sala de aula e sobre um ensino intercultural de inglês. É isso que este artigo tenta discutir: o que é cultura, o que é interculturalidade e o que seria um ensino intercultural de inglês a partir dos textos de Corbett (2003), Hall (2012), Spencer-Oatey (2012), Spencer-Oatey e Franklin (2009) e Risager (2006) e como o ensino intercultural pode levar a atitudes de respeito às diferenças.

Palavras-chave: Cultura; Interculturalidade; Ensino de inglês.

INTERCULTURAL ENGLISH TEACHING AS A PRACTICE OF RECOGNITION AND RESPECT FOR DIFFERENCES

Abstract We are cultural and intercultural beings and build our individual and collective culture from the interactions we experience throughout our lives. Our most powerful means of interaction are languages. They are the way we use to communicate and through them come to us speeches impregnated with culture (values, ideologies, customs). It is also through language that we interact with individuals from different social and cultural groups networks. And the English classroom is a place of constant intercultural encounters: people of different origin studying a language also of different origin. Therefore, discussions are necessary about culture in the classroom and about intercultural teaching English. That is what this article attempts to discuss: what is culture, what is intercultural and what would be an intercultural teaching English from Corbett texts (2003), Hall (2012), Spencer-Oatey (2012), Spencer-Oatey and Franklin (2009) and Risager (2006) and how intercultural education can lead to attitudes of respect for differences.

Key-words: Culture, Interculture, English teaching.

¹Texto apresentado no 2 ENCONTRO DE LICENCIATURAS DO SUDOESTE GOIANO. 21 a 23/05/2015. UFG/Regional Jataí.

1 INTRODUÇÃO

Devido ao crescente número de falantes de inglês, que é consequência da expansão tecnológica e crescimento econômico dos países falantes de língua inglesa, o ensino dessa língua tem sido objeto de estudo de muitas pesquisas e discussões. Essas discussões mudaram seus temas ao longo dos anos para acompanhar as necessidades estabelecidas pela expansão da língua.

O ensino de língua estrangeira é muito antigo, mas os manuais para tal prática só começaram a existir com o ensino do latim. O método gramático-tradução, também chamado de tradicional ou clássico, era utilizado para ensinar as línguas clássicas, grego e latim, e seu objetivo não era comunicação, e sim leitura e escrita. Com o tempo, passou a ser utilizado para o ensino de línguas vivas já que não havia outro método.

No entanto, com a necessidade de usar a língua estrangeira para comunicação por causa da expansão do mercado internacional e movimentos migratórios no final do século XIX, dois fatores que hoje ainda influenciam o ensino de inglês, surgiu o método direto em que o professor utiliza apenas a língua alvo. Já o audiolingual surgiu, no século XX da necessidade do exército americano em falar diversas línguas e de forma rápida, pois sua prioridade é a habilidade oral (repetição e imitação). Depois, por causa das transformações educacionais e de mercado, surge o método comunicativo para suprir as necessidades em proficiência comunicativa. E, para isso, ele trabalha as quatro habilidades: ouvir, falar, ler e escrever (CHINA, 2008).

Hoje, mais uma vez, o ensino de inglês vem sendo alvo de muitas discussões que tratam de um falante que seja capaz de negociar. Portanto, esse falante não usa a língua inglesa com um posicionamento passivo diante dos valores e conceitos que essa língua carrega, nem tampouco impõe os seus valores ao outro por meio da língua, mas ele a usa como meio de **negociar** as diferenças presentes nos mais variados encontros interculturais

com outros falantes. Isso faz com que esse falante não queira deixar sua identidade (de falante de segunda língua ou de língua estrangeira) e assumir a de um falante nativo de inglês, e sim um que perceba a língua como um instrumento de disseminação de cultura. Assim, muito tem se discutido sobre cultura e sua presença na sala de aula de inglês e sobre a necessidade de se desenvolver um ensino de inglês, não só comunicativo, mas, simultaneamente, intercultural.

Com base nisso, esse artigo tem como objetivo discutir três questões:

- O que é cultura?
- O que é interculturalidade?
- O que é interculturalidade na sala de aula de inglês?

Tal discussão terá como base teórica quatro autores: Risager (2006) com o livro *Language and Culture : Global flows and local complexity*; Corbett (2003) com o livro *An intercultural approach to English language teaching*; os capítulos quatro, cinco e seis do livro *Teaching and Researching Language and Culture* de Hall (2012); os capítulos dois e três do livro *Intercultural Interaction : A multidisciplinary Approach to intercultural communication* de Spencer-Oatey e Franklin (2009) e Spencer-Oatey (2012).

Risager (2006) trata de questões relativas ao conceito de cultura e sua (in)separabilidade da língua; Hall (2012) e Spencer-Oatey e Franklin (2009) discutem sobre a presença da cultura nos currículos considerando a perspectiva sociocultural, bem como o modo como alguns métodos têm incorporado compreensões de língua e cultura; e Corbett (2003) que, além de discutir cultura e interculturalidade na aprendizagem de língua inglesa, propõe sugestões de atividades para colocar isso em prática. Além disso, todos eles vêem cultura como algo fluído, como diferenças que precisam ser negociadas e algo que vai além de comidas e festas típicas.

Com os avanços tecnológicos, que trouxeram maior mobilidade e comunicação entre culturas, as múltiplas culturas ganharam mais visibilidade e os sujeitos flutuam de um

contexto cultural para outro muito rapidamente. E é esse contexto que torna a discussão sobre cultura e interculturalidade na sala de aula de inglês mais importante ainda para que o ensino proporcionado ajudem o aluno a lidar com esse contexto.

2 PENSANDO SOBRE O CONCEITO DE CULTURA

Muitas discussões sobre cultura já surgiram na tentativa de conceituá-la. Alfred Kroeber and Clyde Kluckhohn, em 1952, conseguiram fazer uma lista com 164 definições de cultura (SPENCER-OATEY, 2012). Não há uma definição com a qual todos concordem, e creio que nem haverá, pois até mesmo a definição de cultura é cultural, isto é, há vários modos de entender o que é cultura e quais são seus elementos constituintes, cada modo pertencente a um grupo cultural. Algo que, para mim, pode ser cultural, para outro, não é. Cada estudioso ou teórico que tentou definir cultura participou de um contexto cultural diferente, estudou em lugares e autores diferentes.

Para Spencer-Oatey e Franklin (2009), cultura é um complexo constituído por várias regularidades formadas por elementos-chave, como orientações para a vida e crenças, valores e princípios; percepções das relações, bem como direitos e obrigações associadas a elas; convenções e rotinas (linguísticas e não linguísticas); artefatos e produtos, e, dentro destes, leis, regulações políticas e procedimentos.

Para Corbett (2003), a cultura de um grupo nada mais é do que a relação entre suas crenças e valores e os padrões de comportamento, a arte e a comunicação desse grupo, relação esta que se constrói por meio de uma negociação constante.

Já de acordo com Risager (2006), há uma forma genérica e uma forma diferencial de se olhar cultura. Na primeira, prevalece a visão de cultura como um "fenômeno compartilhado por toda a humanidade" (p. 3). Já na segunda, lidamos com formas específicas

de práticas culturais: vários significados, variadas normas e valores, símbolos, ideias e ideologias. Assim, para a autora, é necessário ter em mente que a cultura, em graus variados, possui elementos específicos de dados grupos e elementos universais, familiares a todas as sociedades. Pode-se dizer que a cultura de se fazer refeições (café da manhã, almoço e jantar) é algo universal, mas o que se come e como se procede cada uma delas nos mais diversos grupos culturais é específico. Dentro de nosso próprio país isso é variável, pois em alguns estados nordestinos se come mandioca no café da manhã e em outros esse é um alimento mais típico do almoço ou jantar. Aqui no Brasil, a maioria das pessoas toma leite e come pão com manteiga no café da manhã, e não ovos com bacon como em muitos lugares americanos.

Spencer-Oatey e Franklin (2009) também apresentam definições de cultura de estudiosos como Hannerz, Matsumoto e Geertz e de outros e concluem que, embora sejam parcialmente diferentes, elas possuem semelhanças, tais como as seguintes : as regularidades pelas quais a cultura se manifesta podem ser explícitas ou não; a ideia de cultura está sempre associada a um grupo, sem implicar necessariamente que os integrantes compartilhem exatamente as mesmas características culturais. A cultura afeta tanto o comportamento das pessoas como a compreensão desse comportamento, e, por fim, a cultura é construída e adquirida por meio da interação com os outros membros do grupo. Portanto, seja qual for a cultura, ela não sobrevive em um indivíduo isolado, sem comunicação, e possui variações de indivíduo para indivíduo. Além disso, segundo os autores acima mencionados, a cultura afeta, e não determina, o comportamento das pessoas. Para mim, esse é um aspecto essencial, pois não permite que a cultura seja utilizada como desculpa para atitudes ofensivas ou preconceituosas contra a cultura do outro.

Ainda em conformidade com Spencer-Oatey e Franklin (2009), existem muitos grupos sociais diferentes. Se um grupo compartilha algum tipo de regularidade, algo comum entre seus membros, eles pertencem a um grupo cultural. Portanto, podemos dizer que participamos simultaneamente de vários grupos culturais: família, escola, trabalho, amigos etc. Cada um desses grupos possui suas normas, valores e ideologias, sem que seus membros

compartilhem necessariamente e igualmente todos eles. Não precisamos concordar em tudo com nossos colegas de trabalho, familiares, amigos, alunos para fazermos parte do mesmo grupo. Frequentar uma determinada igreja ou religião não significa que se concorda com tudo que o líder dela prega.

Participar de diferentes grupos é mais uma prova de que cultura não é algo que se constrói sozinho ou que seja genético das pessoas. E é por se construir em grupos e por meio da interação entre os membros desses grupos que as discussões sobre a presença da cultura nos currículos do ensino de inglês de desenvolveram, uma vez que o ensino de dá em grupos e que o principal meio de interação dos homens é a língua.

Uma língua carrega consigo elementos culturais, como léxico, sentido das palavras (conotativo e denotativo) e também por isso é preciso pensar a cultura no momento de ensinar uma língua. Um exemplo seria a expressão 'segue reto toda vida' dita, nossa língua, para alguém que pede informação e que significa que é para ela seguir em uma mesma direção por muito tempo. Essa expressão só faz sentido dentro do nosso contexto cultural, pois dizer '*go ahead all your life*' não tem o mesmo sentido.

Concordo com Risager (2006) quando diz que é preciso olhar o ensino pela perspectiva sociocultural, pois o social considera os aspectos relacionais de atividades no tempo e no espaço, e o cultural lida com a produção e reprodução de significados e representações, ou seja, ter uma perspectiva sociocultural é ver o ensino considerando como as coisas são e como as pessoas as vêem.

Não podemos esquecer, porém, que essa relação próxima entre cultura e língua, tão próxima ao ponto de se afirmar que são inseparáveis, vem do processo de construção das nações na Europa no século XVIII: uma língua equivale a uma nação e uma cultura. Isso, atualmente, é um pouco diferente. A globalização da língua inglesa confirma que a ideia de uma língua/uma cultura é obsoleta, uma vez que ela se tornou um instrumento flexível de ser

utilizada por qualquer um em qualquer lugar do mundo (RISAGER, 2006) já que é uma língua franca, pois mesmo não sendo a língua oficial, o inglês é utilizado em muitos países.

No entanto, isso pode levar ao questionamento de que o inglês seria, então, uma língua neutra, o que não pode ser, já que a língua é construída pelo uso que cada indivíduo faz dela, e esse uso é carregado de subjetividade, valores e crenças.

A autora usa o termo 'flow' (a partir de agora, fluxo) em expressões como fluxo linguístico e fluxo cultural no lugar de '*spread*' por acreditar que '*spread*' dá a ideia de que a cultura sai do centro para a periferia, enquanto que fluxo pode ocorrer em qualquer direção, tanto do centro para periferia, quanto da periferia para o centro. Esses fluxos culturais podem ser materiais, como roupa, comida, bebida, costumes, tradições, estratégias de aprendizagem. E, nesse caso, a migração é um fator importante e nos leva ao contato com padrões inconscientes de comportamento ligados à identidade da pessoa. Outro tipo de fluxo cultural são as representações: fotografias, pintura, cartoons, programas de tv, filmes, que não dependem só de migração para acontecer, mas também da mídia, e são relacionados com discursos de línguas particulares, organizados pelo mercado e determinados por sua orientação do modo de viver (RISAGER, 2006).

No entanto, acredito que, hoje, já há alguns desses padrões que são conscientes, como forma de legitimar e reforçar a identidade das pessoas ou do grupo de que participam. Algumas pessoas fazem questão de se vestir, andar e falar de certa maneira para reafirmar sua participação em certos grupos sociais/culturais, como os rappers, por exemplo, ou para negar sua participação em determinados grupos, como as pessoas que negam seu sotaque e repertório linguístico.

E é por essa capacidade de fluir da cultura que é preciso discutir interculturalidade.

3 PENSANDO SOBRE ENCONTROS INTERCULTURAIS

Considerando que a cultura é construída por meio da interação e que participamos simultaneamente de vários grupos sociais/culturais, somos seres interculturais quase que por natureza. Quase porque estamos pré-dispostos a isso, mas temos que **aprender** a participar de encontros interculturais. De acordo com Spencer-Oatey e Franklin (2009), qualquer interação que ocorre entre grupos tem potencial para ser intercultural.

A interculturalidade é responsável pela difusão da cultura, pois no processo de interação entre os grupos há uma alternância entre externalização e interpretação. E é nesse movimento que ocorre o que Risager (2006) chama de fluxos culturais, que passam de pessoa para pessoa em um processo de difusão e transformação, bem como de produção e reprodução. Em um encontro intercultural cada um (re)produz sua cultura e, simultaneamente, produz cultura porque cada sujeito tem poder criativo sobre sua cultura, e não a reproduz cegamente. É nesse contato entre seres que (re)produzem cultura é que elementos culturais são criados ou transformados.

Além disso, não podemos esquecer da globalização que aumentou as possibilidades de encontros interculturais e permitiu a pequenos grupos a possibilidade de serem notados com mais facilidade, isto é, ganharem espaço e obterem meios para reafirmar sua identidade.

Considerando a interculturalidade que ocorre no nível interpessoal, já que estamos discutindo cultura pensando no contexto de ensino de língua, tem-se que as pessoas demonstram sua cultura, ou seja, seu modo de ver o mundo, pelo uso que elas fazem da língua. Esse uso é um processo constante de produção e interpretação formado por correntes de textos orais e escritos em uma língua. E esse uso é influenciado por cada grupo do qual

participa, pois são eles que influenciam sua prática linguística² e sua fonte linguística³. (RISAGER, 2006).

Para se discutir encontros interculturais também é importante ter em mente que a palavra interculturalidade concebe a existência de várias culturas e uma interação entre elas. Isso é diferente de multiculturalidade, pois esta concebe a existência de várias culturas, mas não a interação entre elas. Portanto, interculturalidade é a relação de mão dupla entre culturas que, a meu ver, precisa de certa harmonia ou capacidade de conviver com diferenças para acontecer. Como esperar uma relação intercultural de um negro com alguém racista? Ou de um ateu com um protestante, ambos fanáticos?

Por esse motivo é que o ensino comunicativo de inglês por si já não basta mais, e, por isso, Byram (1997, 2008), citado por Hall (2012), tenha proposto a competência comunicativa intercultural ou que Spencer-Oatey e Franklin (2009) utilizem o termo competência de interação intercultural para se referir à competência de se comunicar (verbal ou não verbalmente) e se comportar de maneira adequada com pessoas de outros grupos culturais, sendo o termo competência de interação intercultural mais voltado para o contexto de sala de aula. Diante de tudo isso, o ensino de inglês deve contribuir para a construção de uma sociedade melhor, incentivando e discutindo os encontros interculturais cotidianos durante as aulas.

Tudo isso nos mostra a constante necessidade de se discutir a interculturalidade na sala de aula de língua inglesa para promover a relação entre pessoas de grupos culturais diferentes, o que diminuiria a existência de muitos conflitos, já que problemas como racismo,

² Atos identitários pelos quais as pessoas revelam tanto sua identidade pessoal como sua busca por papéis sociais, aspectos práticos de escolha da língua. Ela é formada por normas inconscientes de comportamento que a regulam e desenvolvem.

³ Como se fosse um repertório de sistemas socialmente marcados que capacitam a pessoa para agir de acordo com a demanda de cada situação, projetando sua visão de mundo e sua expectativa sobre a visão de mundo do outro

homofobia, embates religiosos, por exemplo, ocorrem pela falta de capacidade de se conviver com o diferente. Para mim, interculturalidade é uma posição de respeito.

Além disso, são os encontros interculturais que vivemos que permitem criar ou modificar nossa maneira de ver as coisas e obter pontos de vista sobre o mundo a nossa volta. E, como já foi dito, para ser intercultural não é preciso que os sujeitos envolvidos pertençam cada um a um país diferente, pois pode se dar entre pessoas da mesma cidade, alguém do interior com alguém da cidade; na mesma universidade, um estudante de matemática e um estudante de Letras etc. Interculturalidade é um encontro de mão dupla entre sujeitos ou grupos culturais distintos em que nenhum é melhor do que o outro.

Por tudo isso, ensinar de forma intercultural é tão importante, pois assim, mesmo que pareça utópico, conseguimos capacitar os alunos para viver de forma mais harmoniosa na sociedade, fazendo com que sempre aprendam e ensinem algo em seus encontros interculturais.

4 INTERCULTURALIDADE NA SALA DE AULA

Acredito que a interculturalidade na sala de aula de inglês deve começar com/no professor e na postura que ele assume diante do ensino de língua e do que vem a ser língua.

Primeiramente, é preciso que ele não veja a língua somente como sistema ou como transferência de informação. Reconhecendo a língua como um instrumento de asserção, negociação, construção e manutenção do indivíduo e da identidade dos grupos dos quais ele faz parte, e não como um conjunto de regras descontextualizadas, é que esse professor conseguirá ensinar por um método intercultural (CORBETT, 2003).

Em segundo, o desejo de ensinar interculturalidade exige professores capazes de reconhecer e respeitar a multiplicidade de perspectivas que os alunos trazem com eles todos os dias para a sala de aula, deixando de vê-las como algo homogêneo ou como não 'tão boa' quanto a que a escola tem para ensinar. Só assim, ele consegue construir ligações entre as práticas que os alunos têm em casa com as da escola e, assim, garantir o sucesso acadêmico deles. Se as práticas dos alunos são percebidas como obstáculos, as dificuldades se ampliam. É preciso ver a variedade cultural dos alunos, não como uma versão deficiente de uma noção idealizada de língua e cultura, mas como ferramenta que permite que ele participe de diversos grupos e comunidades em seu mundo sociocultural (HALL,2012).

Corbett (2003) afirma que cada encontro de um docente com um novo grupo de estudantes e com um novo plano curricular é um encontro intercultural. Eu acredito que nem precise ser com um novo grupo. Cada encontro com a mesma pessoa é intercultural porque estamos sempre apreendendo novos aspectos da cultura do outro. A cultura não é algo que se percebe totalmente em um único encontro. Pode-se dizer que há dois grandes encontros no ano letivo (considerando um ano letivo de uma escola regular com 200 dias letivos): uma no início do ano e outro no final, pois após o contato de um ano, ao final, alunos e professor já não são exatamente os mesmos, uma vez que *'teachers and students serve as resources for each other'* (HALL, 2012, p. 101).

Esses dois elementos, conceito de língua e respeito à multiplicidade, são muito importantes para um ensino intercultural, pois evitam uma estereotipação inapropriada por parte do docente, que é o condutor do processo de ensino/aprendizagem. Se o professor vê a língua somente como sistema e não concebe valor às práticas de seus alunos, provavelmente ele corre o risco de estereotipar seus alunos e separá-los por rótulos. Spencer-Oatey e Franklin (2009) explicam três aspectos do estereótipo: refere-se a qualquer característica, como nacionalidade, crenças religiosas, ocupação ou cor do cabelo; características adicionais são relacionadas a ele ou ao grupo ao qual ele pertence (baiano é preguiçoso; americano é frio);

identificar uma pessoa com um grupo, o que faz com ela assuma as características que são atribuídas ao grupo.

Portanto, o estereótipo pode levar ao preconceito e a discriminação o que impede uma postura intercultural do professor e, por consequência, um ensino intercultural. Além disso, o professor precisa lembrar que a escola é uma instituição laica que recebe pessoas de qualquer grupo cultural. Deve receber e respeitar qualquer um que deseja estudar.

Assumindo esses pressupostos o professor deixa de ser o '*expert*' que *transmite* os conhecimentos sobre a língua alvo para o aluno e passa a ser um facilitador que é o professor que um método intercultural exige. Assim, alunos e professores criam juntos um grupo com objetivos, fontes, padrões e normas de participação de forma compartilhada e que considera a necessidade de uso do inglês de cada um. (HALL, 2012).

Concordo com Corbett (2003) quando ele diz que uma abordagem intercultural, que pode ser realizada por meio de diversos métodos, pois o que muda é o enfoque da atividade, não procura substituir ou diminuir as vantagens feitas por métodos como '*task based*' ou '*learner-centred*', e sim aumentar essas vantagens e conduzi-las para objetivos mais realistas. Falar como um nativo é praticamente impossível. Mas, eles podem adquirir habilidades de observação e mediação que contribuem para o desenvolvimento da competência comunicativa intercultural.

Temos uma grande tendência em achar que o novo deve substituir o antigo, assumir que as novas ideias e metodologias são as melhores ou as corretas e que as anteriores são erradas. No entanto, creio que os resultados seriam melhores se as utilizássemos conjuntamente de acordo com o objetivo de cada aula. Uma abordagem intercultural não significa abandonar os '*information gaps*', por exemplo, ou atividades similares, mas fazê-las com enfoque também na cultura presente nessa troca de informações e permitir que os alunos reflitam sobre como a cultura influencia essa troca de informações (CORBETT, 2003). Como diz o ditado popular: "Nem tanto ao céu, nem tanto ao mar". É importante que os alunos

aprendam comandos, conselhos, sugestões, tempos verbais, mas também é importante que aprendam como isso é usado por grupos para negociar identidades, ou seja, a interculturalidade demanda equilíbrio.

O professor também deve ter em mente que não é possível ensinar todas as culturas que utilizam uma língua, nem tão pouco ensinar todos os aspectos de uma cultura. Por isso, o objetivo de um ensino intercultural não é ensinar exatamente a cultura, é mais do que isso, é, nas palavras de Hall (2012, p. 129):

[...] help them to understand the roles and identities they are appropriated into by their use of particular resources, the social, cultural and other forces that give shape to these constructions, and to *negotiate* (grifo meu) with others to position themselves in relation to these roles and identities, and larger social forces in ways that are *mutually beneficial* (grifo meu).⁴

Um estudante que conseguiu, com a ajuda do professor, desenvolver uma competência comunicativa intercultural:

[...] has skills which enable his or her to identify cultural norms and values that are often implicit in the language and behaviour of the groups he or she meets, and who can articulate and negotiate a position with *respect* (grifo meu) to those norms and values. (CORBET, 2003, p. 40)

Pelas citações, ambos os autores acreditam no benefício mútuo nas interações interculturais, pois falam em respeito e negociação. Por isso, podemos dizer que o ensino intercultural de inglês é uma prática de reconhecimento e respeito às diferenças. Um aluno com competência comunicativa intercultural não sabe tudo da cultura da língua alvo. Um aluno com essa competência possui habilidade de observação para perceber as diferenças explícitas e implícitas e habilidade de negociação para lidar com essas diferenças sem ser

⁴ Decidi manter as citações em inglês para mostrar exatamente o que os autores disseram e como disseram.

passivo, aceitando tudo, ou autoritário, impondo seus valores e crenças, e permitir que participantes tenham iguais possibilidades no encontro intercultural.

Corbett (2003) ainda cita Kramsch (1998) para quem competência comunicativa intercultural não é conhecimento, mas regras compartilhadas utilizadas, tanto em contextos familiares, como em novos, para interpretar.

E se há uma posição de respeito, a interculturalidade na sala também resgata valores e ajuda a construir uma sociedade mais aberta às diferenças, pois o que acontece na sala de aula não fica somente na sala de aula.

Language teaching in the classroom and in schools must not be treated as an isolated field of practice. It must be considered in an overall global perspective, as part of language spread and culture spread. Language teaching is a particular institutionally - shaped learning space where cultural, discursive and linguistic flows merge, are transformed under the given pedagogical, social and material conditions and are sent on in the - in the final resort - global flow of meaning. (RISAGER, 2006, p. 24)

Não é preciso criar atividades excepcionais para ensinar a interculturalidade ou se ensinar de forma intercultural. Muitas atividades comunicativas podem ser utilizadas para trabalhar objetivos interculturais. Corbett (2003) sugere, por exemplo, que os alunos podem coletar e compartilhar informação em grupos, utilizando '*information gap*' e, depois, discutir suas observações sobre as informações ou explorar a função social de uma conversação cujo objetivo, muitas vezes, não é só a troca de informações ou opinião. Também sugere o uso gêneros textuais do dia a dia, como chats, histórias, fofoca, cada um com um objetivo e função cultural diferente.

A diferença é que essas atividades são trabalhadas, não como regras fixas ou como modelo rígido a ser seguido, mas como procedimentos de descobertas e observação. Assim se obtém um meio termo entre modelos e a falta de instrução. O fato de se procurar ser

intercultural não quer dizer que vale tudo, ao contrário, é procurar um equilíbrio entre o que é estável (padrões) e o que não é.

Ainda segundo Corbett (2003), é possível discutir a linguagem corporal; quando aperto de mão e beijos são ou não aceitáveis; associações culturais em que um assunto é escolhido e os alunos tentam descobrir o máximo que podem sobre e comparar o modo como ocorre em diferentes culturas (exemplo: comida - ingredientes, onde e quando se come, pelo que pode ser acompanhada, origem, se é refeição ou lanche etc); trabalhar a ironia presente em charges e cartoons, uma vez que a ironia depende de sentidos construídos e fatos vivenciados pelo grupo cultural em questão; incidentes críticos, que se refere a situações que envolvem conflitos de valores e objetivos; entrevistas; imagens; texto midiáticos etc.

A inserção da interculturalidade na sala de aula não propõe uma mudança radical de métodos e atividade, e, sim, uma mudança no enfoque que é dado a elas, para se considerar o significado delas para os alunos de diferentes culturas. Também é, ao meu ver, mais uma tentativa, em um mundo tão individualista em que o que importa é o meu pensamento, o meu posicionamento, de nos fazer perceber a nós mesmos como seres que vivem em grupos, de nos fazer perceber a existência do outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após essa discussão sobre cultura, fica a sensação de que cultura é algo que não sabemos muito bem explicar o que é ou conceituar exatamente, mas sabemos o que é, e sabemos identificar quando vemos. Porém, também deixa clara a necessidade de se considerar cultura no ensino aprendizagem de inglês. Se ela é algo presente na maneira como utilizamos a língua e em nossas identidades, ela está o tempo todo conosco, inclusive na sala de aula.

E pensar em cultura em sala de aula de inglês é, conseqüentemente, pensar em interculturalidade. Se decidimos trabalhar cultura em nossos currículos, estamos cientes de

que não existe **uma** cultura, única e igual para todos. Estamos cientes de que estamos cercados e participamos de vários grupos culturais simultaneamente. Assim, para mim, interculturalidade na sala de aula de inglês é uma questão de postura, de posicionamento para se trabalhar na aula aquilo com o que já convivemos fora da sala.

Temos uma forte tendência em interagir com o que é, ao menos, um pouco semelhante a nós, com o que nos atrai, e rejeitar o restante. Trabalhar a cultura de forma intercultural é trabalhar cultura reconhecendo a sua própria cultura como uma entre tantas, e não como a melhor, é ajudar o aluno a conviver com culturas diferentes de maneira respeitosa, mesmo que não concorde com elas; é equipar o aluno com ferramentas para que ele perceba até aonde pode ir para não ofender a cultura e a identidade do outro, descentralizando sua visão de mundo.

Por tudo isso, vejo o ensino de inglês orientado pela cultura e pela interculturalidade como uma prática de reconhecimento e respeito às diferenças. No entanto, durante a leitura dos textos para a tessitura deste artigo, percebi que o contexto de ensino de inglês a que se referem os autores é o da escola de idiomas. E me questioneei: e o contexto de ensino de inglês como língua estrangeira das escolas públicas? É preciso pensar cultura/interculturalidade neste contexto também, até porque ele é muito maior e atende um número muito maior de alunos do que as escolas de idiomas. Como trabalhar cultura/interculturalidade na aula de inglês em escolas públicas? Como desenvolver a competência comunicativa intercultural dos alunos da rede pública? São aspectos que devem ser pensados e discutidos.

REFERÊNCIAS

CHINA, A. P. Z. As metodologias de ensino de língua inglesa no Brasil. In: **A trajetória do ensino de inglês como língua estrangeira no Brasil: considerações sobre metodologias, legislação e formação de professores.** 109f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto, São Paulo, 2008. p. 48-55.

CORBETT, J. **An intercultural approach to English language teaching**. Clevedon: Multilingual Matters Ltd., 2003.

HALL, J. K. The sociocultural world of learners. In: HALL, J. K. **Teaching and researching language and cultures**. Harlow: Pearson Education, 2012, p. 71-87.

_____. Language and culture fo the classroom. In: HALL, J. K. **Teaching and researching language and cultures**. Harlow: Pearson Education, 2012, p. 88-109.

_____. Language and culture as curricular content. In: HALL, J. K. **Teaching and researching language and cultures**. Harlow: Pearson Education, 2012, p. 110-132.

RISAGER, K. **Language and culture: global flows and local complexity**. Clevedon: Multilingual Matters Ltd, 2006.

SPENCER-OATEY, H.; FRANKLIN, P. Unpacking culture. In: SPENCER-OATEY, H.; FRANKLIN, P. **Intercultural interaction: a multidisciplinary approach to intercultural communication**. New York: Palgrave MacMillan, 2009, p. 13-49.

_____. Intercultural interaction competence (ICIC). In: SPENCER-OATEY, H.; FRANKLIN, P. **Intercultural interaction: a multidisciplinary approach to intercultural communication**. New York: Palgrave MacMillan, 2009, p. 50-79.

_____. Intercultural interaction competence (ICIC). In: SPENCER-OATEY, H.; FRANKLIN, P. **Intercultural interaction: a multidisciplinary approach to intercultural communication**. New York: Palgrave MacMillan, 2009, p. 13-49.

_____. What is culture? A compilation of quotations. **GlobalPAD Core Concepts**.(2012b).